

Informe 1

Abrigo rupestre de Santa Elina: ocupações pré-históricas associadas à megafauna

Águeda Vilhena Vialou

Ura 184 MNHN-CNRS, Paris, França

Desde 1984, nove etapas de escavações no sítio rupestre de Santa Elina, localizado a 100 Km de Cuiabá (15 graus latitude sul e 55 graus longitude oeste), trazem resultados novos e bem interessantes sobre os povoamentos pré-históricos no centro-oeste brasileiro. Este intenso programa de pesquisas - "**O Homem Pré-histórico e o seu Paleo Ambiente na Bacia do Paraná - Mato Grosso**" - é realizado em colaboração brasileiro-francesa através do convênio entre o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e o Laboratório de Pré-História do Museu Nacional de História Natural de Paris.

Situado após o pediplano do rio Cuiabá, no primeiro vale da Serra das Araras, num dobramento sinclinal da formação geológica composta de calcário dolomítico pré-cambriano - formação Araras - e de arenito - formação Raizama - , os habitantes do abrigo de Santa Elina souberam explorar os recursos do meio que os circunda. É excelente a conservação dos vestígios, como vegetais: frutos para os restos de alimentação, carvões para as numerosas fogueiras, estacas de madeira, 45, dispostas em 2 alinhamentos para jirau, armações de redes...; como os líticos sob forma de utensílios, de estruturas de fogueiras e de corantes; como a fauna para os restos de cozinha...

As escavações dos níveis superiores, efetuadas sobre 40 m² (10 x 4) ao pé do paredão de 60 metros de comprimento, com um milhar de representações pintadas, animais, humanas e sinais, indicam, num espaço habitacional contíguo de 4 metros de largura, entre duas paredes rochosas, sete momentos de ocupação indo da sub-atual até 6000 anos do presente. Os sedimentos extremamente finos e pulverulentos de

origem antrópica correspondem à fase climática seca atual. A base deste período, várias vezes datada, (6040±60 anos BP), é notável pela presença de mais de 200 blocos de calcário manchados de ocre e distribuídos no solo como um pavimento.

A fase climática precedente é úmida: o sedimento é arenoso e provém de um depósito coluvial, com passagens concrecionadas. Os carvões são mais raros e poucas as estruturas de fogo, a confecção de utensílios foi elaborada sem lascamento mas com retoques em plaquetas calcárias. Associada a essas manifestações humanas datadas de 10120±60 anos BP, ocorre a presença de alguns vestígios de megafauna, marcando uma extinção tardia do preguiça gigante nesta região central da América do Sul. Um fragmento de vértebra torácica lombar, de escápula, um milhar de osteodermos e enfim um molar desgastado e mal conservado permitiram a identificação pelo professor C. Cartelle da Universidade Federal de Minas Gerais da espécie: *Glossotherium affarensi* *Glossotherium lettsomi*, sub-família *Mylodontinae*.

As pesquisas feitas em 1993 atingiram níveis ainda mais profundos, 3 metros de profundidade, numa área mais restrita de 9 m², e colocaram em evidência vestígios de lascamentos e de retoques feitos pelo Homem associados a fragmentos ósseos de megafauna, como de um rádio, de uma metade de mandíbula com dois dentes e de mais de duzentos osteodermos. A ausência de carvão nesses níveis dificulta as datações regulares até então realizadas pelo laboratório de radioatividade de Gif-sur-Yvette. O laboratório de datações por Urânio e Tório do MNHN está tentando datar um dos micro-fragmentos dessa megafauna. Gif entretanto datou madeiras

que flutuaram num nível imediatamente superior à megafauna que nos interessa e as idades obtidas são ao redor de 22 e 23000 anos BP.

Referência:

VILHENA VIALOU, A. e VIALOU, D. , 1989 - "Abrigo Pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso; habitats e Arte Rupestre", in Revista do Instituto de Pré-História da USP.

Informe 2

O Grande Louvre

Marie-Inès Correia de Novaes

Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, France.

A abertura do Grande Louvre comemora o segundo centenário do Museu, que data da Revolução Francesa. Ao mesmo tempo, completa-se um plano de construção que remonta ao tempo dos reis, na época do Renascimento (séculos XVI, XVIII...). Mas o Louvre é bem mais antigo: no início, tratava-se de uma fortaleza construída por ordem do rei Filipe Augusto, no século XII.

Na França, antes de construir ou reformar, são obrigatórias as escavações arqueológicas. Ora, se seguirmos a progressão delas no sítio do Louvre, compreenderemos a história da ocupação do solo e das construções sucessivas. As escavações seguiram uma direção leste-oeste: começadas na Cour Carrée (onde revelaram a fortaleza medieval), prosseguiram na Cour Napoléon e depois foram feitas ao redor do Arco do Triunfo do Carrousel.

Se quisermos acompanhar a ordem cronológica da presença humana no local, deveremos começar pela terceira etapa das escavações. Isso porque os arqueólogos encontraram, ao sudoeste do Arco do Triunfo do Carrousel, vestígios de ocupação neolítica: muitos cacos de cerâmica e artefatos de pedra. Avançando no tempo, podemos falar da presença humana durante a Idade Média, porque as escavações na Cour Napoléon revelaram a existência de uma pequena propriedade agrícola, e no fundo do que tinha sido uma lagoazinha encontraram-se esqueletos de

animais domésticos.¹ Quando o rei Filipe Augusto, no final do século XII, decidiu construir uma fortaleza no sítio do Louvre, fê-lo fora das muralhas da cidade, que não chegava ainda até lá. Destinava-se à defesa de Paris e chamava-se Grosse Tour (Torreão). Estudada durante as escavações de 1984-1986, verificou-se que era um cilindro de 15 metros de diâmetro (e provavelmente 30 metros de altura), rodeado por um sistema defensivo de 78 metros de comprimento por 72, ladeado por dez torres. Hoje pode-se visitar o embasamento da fortaleza, porque as construções posteriores não o destruíram. No final do século XIII, o rei Filipe, o Belo fez transferir para a fortaleza o tesouro real. No século seguinte, a cidade atingiu o Louvre; o rei Carlos V mandou construir nova muralha e a fortaleza ficou dentro da mesma. Pela primeira vez, a cidadela foi transformada em residência real; uma das torres exteriores tornou-se a biblioteca real: estava assim constituído o primeiro fundo que iria dar origem à Biblioteca Nacional da França. A muralha de Carlos V foi encontrada ligeiramente ao oeste do

¹ É normal não terem sido encontrados vestígios gauleses nem galo-romanos, porque os primeiros ocuparam essencialmente a atual Île de la Cité e os segundos pouco estenderam-se na margem direita do Sena - por ser alagadiça - e preferiram a margem esquerda. A cidade medieval é, no início, menor que a galo-romana; por causa das invasões bárbaras, a população refugiou-se na Île de la Cité, mais fácil de ser defendida. Posteriormente, voltou a ocupar a margem esquerda, antes de desenvolver a direita.